

DILEMA DARWINIANO: UM DESAFIO METAFÍSICO OU EPISTEMOLÓGICO?

Mariana Marques Burkle¹; Juliano Santos do Carmo²

¹Universidade Federal de Pelotas – mariana.burkle@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – juliano.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O *Dilema Darwiniano* trata-se de um tipo de Argumento Desmantelador Evolutivo¹ desenvolvido no âmbito da metaética, tendo como objetivo central oferecer um desafio para as teorias realistas do valor. A característica distintiva de uma teoria realista moral é considerar que existem fatos morais objetivos no mundo, cuja verdade se dá independente da mente dos agentes (*mind-independence*). De acordo com Das (2015), “[Street] sugere que o realismo avaliativo – a visão de que existem verdades morais independentes das atitudes avaliativas dos sujeitos – não é compatível com a ciência natural.” (DAS, 2015, p. 3, tradução nossa). Podemos explicar o *Dilema Darwiniano* apontando para as seguintes considerações: 1) sabemos que o conteúdo dos juízos morais foi influenciado por forças evolutivas; 2) sabemos que as teorias realistas do valor afirmam que existem verdades avaliativas que ocorrem independente da mente. Surge, então, uma pergunta central: como os realistas explicam a relação entre o conteúdo dos juízos morais oriundo de forças evolutivas, e as verdades independentes da mente postuladas por este tipo de teoria? Os realistas possuem duas opções para responder a esta pergunta: a) negar a relação entre a influência da seleção natural e as verdades avaliativas independentes da mente; b) endossar e explicar a relação entre a influência da seleção natural e as verdades avaliativas independentes da mente. O *dilema* se instaura pois tanto a opção a) quanto a opção b) são insatisfatórias, mostrando que o realista não consegue responder à questão. Em outras palavras, o *dilema* pode ser formulado da seguinte maneira:

Dilema Darwiniano - os realistas morais necessitam explicar (ou negar) a relação entre forças evolutivas, que moldam o conteúdo dos juízos morais avaliativos, e verdades avaliativas independentes da mente que eles afirmam existir (relação forças-verdades). Contudo, o realista moral não consegue negar a relação forças-verdades, e nem explicar a relação forças-verdades.

A primeira parte do *dilema* se instaura, portanto, quando o realista opta pelo caminho de resposta a), a saber, negar a relação entre as forças evolutivas e as verdades independentes da mente. O ponto central deste caminho de resposta é que, ao negar a relação entre as forças evolutivas e as verdades independentes da mente, “as forças da seleção natural devem ser vistas como uma influência distorciva nos nossos juízos avaliativos, nos levando em uma direção avaliativa que não tem nenhuma relação com a verdade avaliativa.” (STREET, 2006, p. 121,

¹ Argumentos Desmanteladores Evolutivos, em linhas gerais, são argumentos que partem de considerações oriundas da seleção natural para minar determinados tipos de crenças ou ontologias. Consequentemente, os Argumentos Desmanteladores Evolutivos podem ser tanto metafísicos, minando determinados tipos de ontologias, quanto epistemológicos, minando determinados tipos de crenças.

tradução nossa). A segunda parte do dilema se instaura quando o realista opta pelo caminho de resposta b), a saber, afirmar e explicar a relação entre forças evolutivas e verdades avaliativas independentes da mente. O ponto central deste caminho de resposta é que o realista explica a relação entre forças evolutivas e verdades independentes da mente a partir da visão do rastreamento. Em linhas gerais, de acordo com a visão do rastreamento, teríamos evoluído com um mecanismo psicológico específico, diferente de todos os outros mecanismos psicológicos que possuímos, apenas para rastrear as verdades avaliativas independentes da mente. Esta é uma explicação cientificamente insustentável e deve ser rejeitada. Portanto, o Dilema Darwiniano mostra que o realismo moral não consegue explicar as influências evolutivas no conteúdo dos nossos juízos morais.

O Dilema Darwiniano está fundamentado em um tipo de inferência para a melhor explicação. A inferência para melhor explicação (ou raciocínio abdutivo), se trata de um tipo de argumento indutivo, que estabelece qual hipótese é considerada como a melhor explicação para um fenômeno a partir da evidência disponível. No caso do Dilema Darwiniano, a explicação realista não é considerada a melhor explicação da faculdade moral a partir da evidência empírica que temos disponível, devendo ser rejeitada. Contudo, pode-se usar deste raciocínio abdutivo para sustentar duas conclusões diferentes no âmbito da metaética, gerando duas interpretações concorrentes para o dilema darwiniano: uma metafísica, e outra epistemológica. A interpretação metafísica endossa que podemos inferir do Dilema Darwiniano a conclusão de que não existem fatos morais objetivos, cuja verdade se dá independente da mente. Pois, nós fazermos os juízos morais que fazemos é um fenômeno que é melhor explicado por certos mecanismos psicológicos selecionados evolutivamente, logo as verdades morais independentes da mente postuladas pelo realista são desnecessárias explicativamente. Se verdades morais independentes da mente são desnecessárias explicativamente, e não há qualquer redução disponível para reduzir estas verdades a verdades naturais, então fatos morais não existem. Em outras palavras, ao mostrar que não existem fatos morais objetivos cuja verdade se dá de maneira independente da mente, o Dilema Darwiniano mostra que o realismo moral é uma teoria falsa. Esta é a interpretação predominante do Dilema Darwiniano, sendo endossada por diversos autores, por exemplo, Joyce (2016); Das (2015); Machuca (2018).

A interpretação metafísica do Dilema Darwiniano, embora amplamente aceita, é extremamente problemática, conforme apontado por Machuca (2018). Pois, parece ser extremamente improvável que a inferência para a melhor explicação seja capaz de sustentar conclusões metafísicas tão substantivas. Em outras palavras, embora os fatos morais objetivos postulados pelas teorias realistas não sejam a melhor explicação possível, isto não “prova” que estes fatos não existam. Se determinado fato não tem papel explicativo no surgimento de nossa faculdade moral, parece ser uma conclusão excessivamente substantiva inferir que estes fatos não existem. Logo, se interpretado desta maneira, o Dilema Darwiniano perde sua força, sendo alvo de fáceis críticas.

Dado os problemas da interpretação metafísica, a interpretação epistemológica do dilema parece ser a melhor opção, conforme sugerido por Korman (2019). A interpretação epistemológica considera que Street está usando a inferência para melhor explicação de um ponto de vista epistêmico. Neste caso, não há uma conclusão tão substantiva quanto a da interpretação metafísica; ou seja, Street não está inferindo que o realismo moral seja falso pois não existem fatos ou verdades avaliativas, apenas que o realismo moral é uma teoria

epistemicamente problemática, que leva a um tipo de ceticismo. O realismo moral é uma teoria que não consegue explicar a relação entre a influência de forças da seleção natural no conteúdo dos nossos juízos ou crenças avaliativas, e as verdades avaliativas independentes da mente. Se o realismo moral não consegue explicar a relação entre a verdade dos juízos avaliativos e o conteúdo dos juízos avaliativos, as crenças morais construídas de maneira realista são crenças injustificadas. Pois, de acordo com a construção teórica do realista, as verdades avaliativas não tem qualquer relação com os juízos morais que formamos. Sendo assim, esta interpretação considera que o dilema darwiniano instaura um tipo de ceticismo restrito: as crenças morais apenas são injustificadas se forem construídas de maneira realista. Neste caso, o Dilema Darwiniano possui grande força, oferecendo um forte desafio às teorias realistas do valor.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada para a pesquisa em questão foi o naturalismo metodológico. Consideramos que o naturalismo metodológico se trata de uma perspectiva filosófica bastante ampla, que possui como característica geral “[...] a concepção dos filósofos de que a filosofia está, de certo modo, em continuidade com a ciência.” (LIVIGNSTONE-SMITH, 2019, p.9, tradução nossa). Em linhas gerais, o naturalismo metodológico se caracteriza mais como uma postura filosófica, que endossa que as informações oriundas da ciência podem participar ativamente das questões e respostas de problemas genuinamente filosóficos e não como um conjunto de teses predeterminadas. Posto isso, a presente pesquisa possui como ponto de partida a formulação de um problema filosófico, a partir de informações oriundas da ciência. Neste ponto, o naturalismo metodológico é crucial, pois a noção de continuidade entre filosofia e ciência é necessária para a formulação do dilema darwiniano. Por fim, foram utilizados métodos tradicionais na pesquisa filosófica (análise e escrutínio de conceitos e teorias), para buscar a melhor compreensão filosófica das implicações e da força do dilema darwiniano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dada a amplitude da discussão, o presente trabalho encontra-se ainda em desenvolvimento. Embora o objetivo primário do trabalho tenha sido concluído, a saber, estabelecer a interpretação mais contundente filosóficamente do Dilema Darwiniano, ainda restam outras questões em aberto. Apenas foram investigadas as críticas à interpretação metafísica, concluindo, em um primeiro momento, que a interpretação epistemológica do dilema darwiniano não cairia neste mesmo tipo de críticas. Em outras palavras, a interpretação epistemológica é mais coerente com a utilização da forma argumentativa da inferência para a melhor explicação. Contudo, ainda é necessário investigar as críticas pertinentes apenas à interpretação epistemológica, pois apenas assim é possível afirmar que a interpretação epistemológica é realmente superior, e o dilema assim pode ser mantido.

4. CONCLUSÕES

A inovação presente no trabalho é o oferecimento de uma interpretação mais contundente do dilema darwiniano. Pois, a maior parte das críticas que visam minar o Dilema Darwiniano partem de sua interpretação metafísica, endossando que o Dilema não é capaz de sustentar inferências substantivas como a inexistência de fatos morais. Assim, a partir da interpretação metafísica, o Dilema Darwiniano é minimizado teoricamente, não se constituindo como um desafio tão forte para as teorias realistas do valor. Contudo, a partir do desenvolvimento de uma perspectiva epistemológica do dilema darwiniano, é possível evitar tais críticas. Assim, o dilema darwiniano pode se estabelecer como um forte desafio céítico para todas as teorias realistas do valor no âmbito da metaética. E, dado que contemporaneamente visões céíticas são utilizadas como critério de escolha de teorias aparentemente incomensuráveis, um forte desafio céítico pode servir como um grande divisor de águas no debate metaético.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAS, R. Evolutionary debunking of morality: epistemological or metaphysical?. **Philosophical Studies**, 173 (2), pp. 417-435, 2016.
- JOYCE, R. Reply: confessions of a modest debunker. IN: LEIBOWITZ, U.; SINCLAIR, N. (orgs.). **Explanations in Ethics and Mathematics**: debunking and dispensability. Oxford: Oxford University Press, 2016, pp. 124-145.
- KORMAN, D. Debunking Arguments. **Philosophy Compass**, 2019, pp.1-17.
- MACHUCA, D. Moral Skepticism: an introduction and overview. in: MACHUCA, D.; REED, B. **Skepticism: From Antiquity to the Present**. Londres: Bloomsbury, 2018, cap. 1, pp.1-31.
- SMITH, D. **How Biology Shapes Philosophy**: New Foundations for Naturalism. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- STREET, S. A Darwinian dilemma for realist theories of value. **Philosophical Studies**, 127, 109–166, 2006.